O PAPEL DOS ESCRITORES SAGRADOS NOS SEUS RESPECTIVOS REGISTROS.

- Passivo.

Eles foram inteiramente passivos no sentido de que não interferiram na ação de Deus em se revelar e, também, no fato de que não expressaram a sua natureza pecaminosa. Os escritores foram apenas instrumentos humanos por meio dos quais Deus decretou registra sua mensagem (2 Pe 1.21; 2 Tm 3.16). Eles falaram, todavia, somente à medida que foram conduzidos pelo Espírito Santo. A Escritura não é maniqueísta: tendo de um lado a Palavra de Deus e, de outro, a palavra dos homens; mas foi “exalada por Deus” em toda a sua extensão.

- Ativo.

Conforme já afirmamos, Deus não anulou a personalidade dos escritores; caso contrário, na Bíblia haveria apenas um único e inconfundível estilo, o estilo do Espírito Santo.

No entanto, quer pelos originais, quer pelas traduções, é facilmente percebida a diferença entre os escritos de Moisés, Isaías, Amós, etc. Da mesma maneira, são perceptíveis as características próprias dos escritos de Paulo e de João, bem como as de Mateus, Marcos e Lucas. Portanto, podemos afirmar que, de certo modo, cada livro da Bíblia é fruto do estilo literário do seu autor humano (autor secundário).

Por isso, dentro da inspiração, há um lugar para assuntos pessoais, como por exemplo, a Epístola de Paulo a Filemon; e também há espaço para recomendações e preocupações específicas (cf. 1 Tm 5.23; 2 Tm 4.13).

Edwin Palmer, comentando esse assunto, escreve:

“Deus permitiu que o amor de Davi pela natureza brilhasse com seus Salmos, que o conhecimento que Paulo tinha de literatura pagã se manifestasse em suas cartas, que os conhecimentos médicos de Lucas caracterizassem seus escritos, que a brusquidão de Marcos

aparecesse em seu livro. Tanto é que Paulo escreveu em uma forma lógica, João o fez numa forma mais mística".

Essa compreensão se harmoniza perfeitamente com a soberania de Deus. Deus decretou e controlou os eventos, proporcionando as condições para que os seus servos se tornassem "naturalmente" aptos para a tarefa que ele mesmo lhe confiaria. Na doutrina da inspiração vemos de maneira nítida a providência de Deus, que revela o seu governo sobre todas as coisas.

Os escritores sagrados não foram obrigados a escrever algo que fosse contrário à sua vontade; nem Deus fez com que quem só soubesse o hebraico tivesse de escrever em grego. Deus usou as suas aptidões "naturais" de maneira misteriosa, de modo que o produto final fosse o registro inerrante da Palavra de Deus e, ao mesmo tempo, houvesse a expressão da individualidade de cada escritor.

O que entendemos por inerrância?

O porquê dessa doutrina.

É necessário que se diga que a inerrância não é uma teoria a respeito da Bíblia ou uma filosofia moderna inventada pelos fundamentalistas ou conservadores. Conforme declaramos na introdução deste trabalho, cremos que quando asseveramos com vigor a inerrância total das Escrituras estamos apenas dizendo o que a Escritura reivindica para si mesma; desse modo, não estamos defendendo a inerrância, mas afirmando a inerrância da Bíblia como uma doutrina que faz parte da essência do evangelho, o qual deve ser propagado em toda a sua extensão (At20.27/2 Tm 3.16; 2 Pe 1.20,21). Além do mais, o fundamento dessa doutrina repousa no Senhorio de Cristo, o Autor e preservador de sua Palavra.

Ensinamos a inerrância bíblica porque ela é uma doutrina bíblica (Jo 10.35; 17.17; 2 Co 6.7; Cl 1.5; 2 Tm 2.15; Tg 1.18) e, também, porque é uma decorrência lógica do fato de que o Deus que "expirou" as Escrituras (2 Tm 3.16) não mente, não muda e não falha (Tt 1.2; Tg 1.17) (ver CW 1.6).

Definição de inerrância:

Tomemos aqui a definição apresentad por Paul Feinberg:

“A inerrância é o ponto de vista de que, quando todos os fatos forem conhecidos, demonstrarão que a Bíblia, nos seus autógrafos originais, e corretamente interpretada, é inteiramente verdadeira, e nunca falsa, em tudo quanto afirma, que no tocante à doutrina e à ética, quer no tocante às ciências sociais, físicas ou biológicas”.

A Bíblia dá testemunho da sua inspiração.

“A Escritura é a escola do Espírito Santo, na qual nem se deixou de colocar coisa alguma necessária e útil de se conhecer, tampouco se ensina mais do que é preciso saber”.

J. Calvino, As Institutas, III. 21.3

Conforme já indicamos, de maneira bastante resumida, a Bíblia autentica-se a si mesma como o registro inspirado e inerrante da revelação de Deus. Deus ordenou que a sua palavra fosse escrita (Ex 17.14), sendo esse registro chamado de “Livro do Senhor” (Is 34.16). Analisemos este ponto com mais vagar, substanciando-o com alguns dos muitos textos bíblicos que fundamentam a nossa assertiva.

Os profetas.

a) Os profetas são descritos como aqueles que por meio dos quais Deus fala (Ex 7.1; Dt 18.15; Jr 1.9; 7.1). O profeta não criava nem adaptava a mensagem; e ele competia transmiti-la como a havia recebido (Ex 4.30; Dt 4.2,5). O que se exige do profeta é fidelidade.

R. Martin-Achard resume bem isso, dizendo:

“Na realidade, o profeta não tem por missão pregar uma ideologia nova, qualquer que seja ela. Ele coloca novamente os seus contemporâneos diante da pessoa de Deus, ele situa Israel diante de alguém e não diante de um ensinamento ou um ideal, ele deixa Javé e o seu povo face a face”.

b) Os profetas tinham consciência de que foram chamados por Deus (1 Sm 3; Is 6; Jr 1; Ez 1-3) e de que receberam a mensagem da parte de Deus (Nm 23.5; Dt 18.18; Jr 1.9; 5.14), que era distinta dos seus próprios pensamentos (Nm 16.28; 24.13/1 Rs 12.33; Ne 6.8). Os falsos profetas eram acusados justamente de proferirem as suas próprias palavras e não as de Deus (Jr 14.14; 23.16; 29.9; Ez 13.2,3,6).

c) Quando os profetas se dirigiam ao povo, diziam: “Assim diz o Senhor...”, “Ouvi a Palavra do Senhor...”, “Veio a Palavra do Senhor” (cf. Ez 31.1; Os 1.1; Jl 1.1; Am 1.3; 2.1; Ob 1.1; Mq 1.1; Jr 27.1; 30.1,4,

etc.); isso indicava a certeza que tinham de que Deus lhes dera a mensagem e os enviara (cf. Jr 20.7-9; Ez 3.4ss; 17.22; 37.1; Am 3.8; Jn 1.2).

d) Um fato importante a favor da sinceridade dos profetas de Deus é que nem sempre eles entendiam a mensagem transmitida (cf. Dn12.8,9; Zc 1.9; 4.4,5; 1 Pe 1.10,11).

Os Apóstolos.

Os escritores do Novo Testamento reconheciam ser o Antigo Testamento a Palavra de Deus (Hb 1.1; 3,7), sendo a “Escritura” um registro fiel da História e da vontade de Deus (Rm 4.3; 9.17; Gl 3.8; 4.30).

Os apóstolos falavam com a convicção de que estavam pregando e ensinando a Palavra inspirada de Deus, dirigidos pelo Espírito Santo (ver 1 Co 2.4-13; 7.10; 14.37; 2 Co 13.2,3; Gl 1.6-9; Cl 4.16; 1 Ts 2.13; 2 Ts 3.14).

Paulo e Pedro colocavam os escritos do Novo Testamento no mesmo nível do Antigo Testamento (cf. 1 Tm 5.18/ Dt 25.4; Lc 10.7; 2 Pe 3.16).

Paulo reconheceu os apóstolos e os profetas, no mesmo nível, como os fundamentos da Igreja, edificados sobre Jesus Cristo, a pedra angular (Ef 2.20).

Jesus Cristo.

Jesus apelava para o Antigo Testamento, considerando-o como a expressão fiel do Conselho de Deus, sendo a verdade final e decisória. Deus é o Autor das Escrituras! (Mt 4.4,7,10; 11.10; 15.4; 19.4; 21.16,42; 22.29; Mc 10.5-9; 12.10; 12.24; Lc 19.46; 24.25-27,44-47; Jo 10.34).

Afirmações diretas das Escrituras.

O Novo Testamento declara enfaticamente que toda a Escritura, como Palavra de Deus, é inspirada, inerrante e infalível (ver Mt 5.18;

Lc 16.17,29,31; Jo 10.35; At 1.16; 4.24-26; 28.25; Rm 15.4; 2 Tm 3.16; Hb 1.1,2; 3.7-11; 10.15-17; 2 Pe 1.20).

A Bíblia fornece argumentos racionais que demonstram a sua inspiração e inerrância; todavia, os homens só poderão ter essa convicção mediante o testemunho interno do Espírito Santo (Sl 119.18). Os discípulos de Cristo só entenderam as Escrituras quando o próprio Jesus lhes abriu o entendimento (Lc 24.45). A Escritura autentica-se a si mesma e nós a recebemos pelo Espírito.

A posição que sustentamos não é “bibliolátra”, como, por certo, acusariam K. Barth (1886-1968), E. Brunner (1889-1966) e R. Niebuhr (1892-1971), entre outros. Ela é apenas uma rendição incondicional às reivindicações proféticas, apostólicas e do próprio Cristo. Diante de um testemunho tão evidente, como eu poderia descarta-lo e seguir as opiniões fantasiosas de homens? O cristão sincero deve aprender, pelo Espírito de Deus, a subordinar a sua inteligência à sabedoria de Deus revelada nas Escrituras e a guardar no coração a Palavra de Deus (Sl 119.11).

Referências Bíblicas

COSTA, Hermisten Maia P. da. A Inspiração e Inerrância das Escrituras, 2008 – Ed. Cultura Cristã.

ANDRADE, Roque Monteiro de. Inerrância da Bíblia, 1974 – Casa Publicadora Batista.